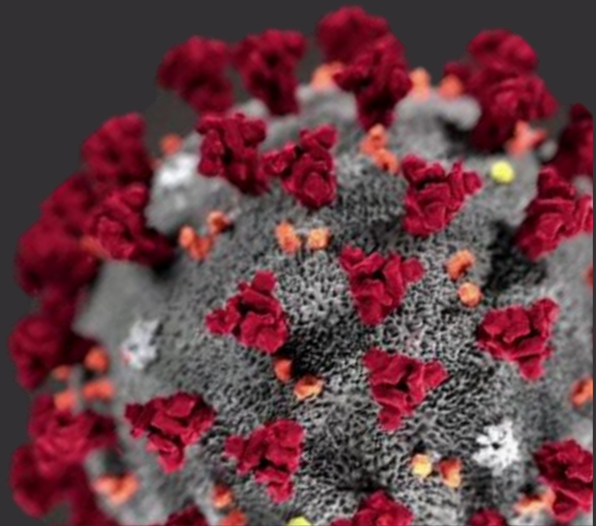


# Painel de Monitoramento

## Impactos da COVID-19 no mercado de trabalho de Minas Gerais



O Painel de Monitoramento do Mercado de Trabalho é uma produção da Secretaria de Desenvolvimento Social – SEDESE, por meio da Subsecretaria de Trabalho e Emprego – SUBTE, que tem por objetivo acompanhar e atualizar as principais repercussões da pandemia de COVID-19 sobre o mercado de trabalho no Estado de Minas Gerais. Nesta edição você confere:

- Requisições de Seguro Desemprego;
- Estatísticas do Sine em Minas Gerais;
- Índice da Condição do Trabalho (ICT-DIEESE);
- Situação dos Empregos no Setor Industrial;
- Impactos da COVID-19 sobre a Educação;
- Condição Financeira dos Consumidores;
- Produção agrícola em Minas Gerais.

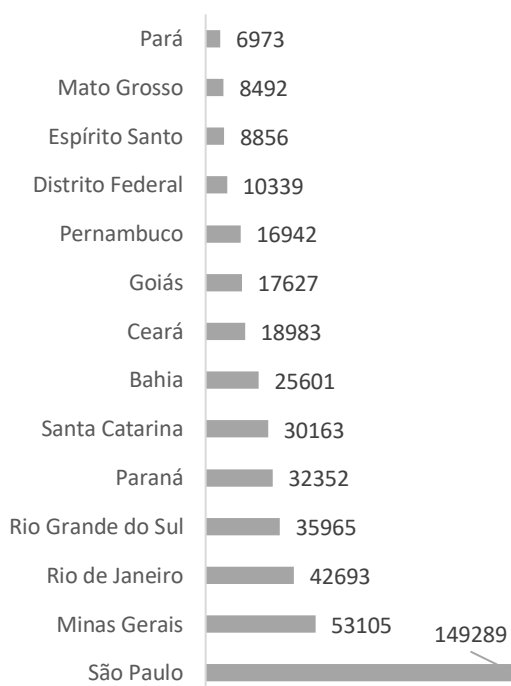
## **SEGURO DESEMPREGO**

### **Requisições do benefício apresentam relativa estabilização em Minas Gerais durante a primeira quinzena de maio**

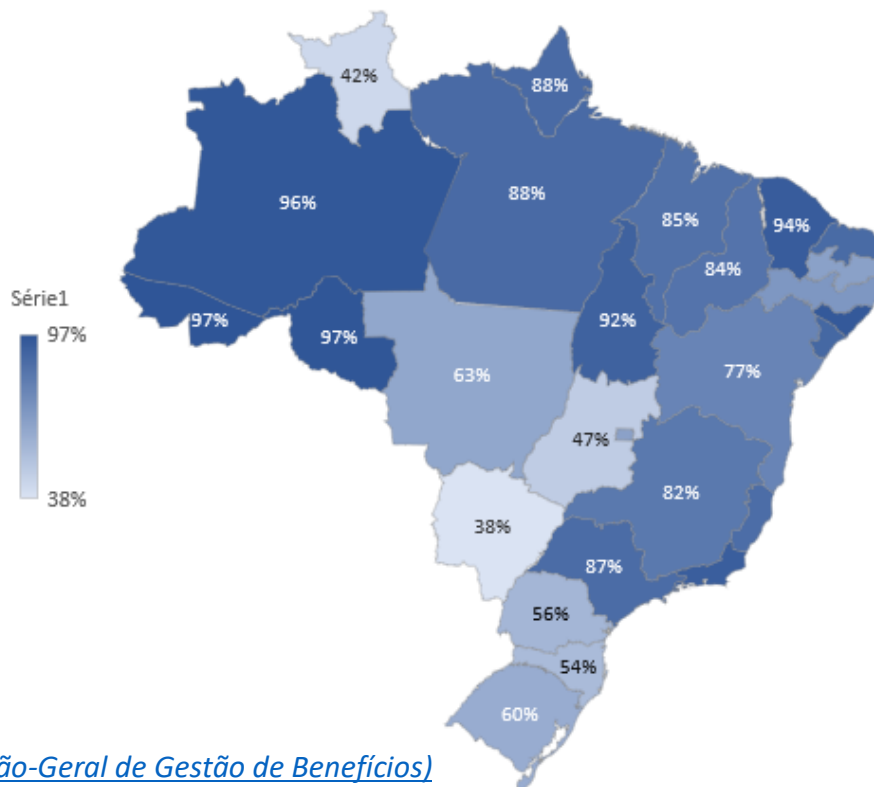
Com o cenário de instabilidade econômica e fechamento de postos de trabalho no Estado de Minas Gerais, a evolução do número de solicitações do Seguro Desemprego acaba se tornando um importante indicador para dimensionar os impactos da COVID-19 sobre o mercado de trabalho formal. Segundo dados do Ministério da Economia, o número de requisições do Seguro Desemprego, no Estado de Minas Gerais, na primeira quinzena de maio, apresentou relativa estabilização se comparado à segunda quinzena de abril, com ligeiro aumento de 0,16%, o que representa um acumulado total de 53.105 solicitações contabilizadas no primeiro levantamento de maio. Esse aumento sinaliza para uma possível estagnação no ritmo de desligamentos se comparado à segunda quinzena de abril, quando o total de benefícios requeridos foi de 53.019.

Se analisado em comparação com as demais unidades da federação, Minas Gerais ocupa a segunda posição no ranking de maiores demandantes do Seguro Desemprego, ficando atrás apenas do Estado de São Paulo – que acumulava mais de 149 mil solicitações até a primeira quinzena de maio. O Estado do Rio de Janeiro aparece na terceira posição do ranking, com mais de 42 mil requisições do benefício. Além disso, destaca-se que a adesão das unidades da federação aos serviços digitais não tem ocorrido de forma homogênea, haja vista contrastes como, por exemplo, o Estado do Acre com 96,97% de solicitações Web e o Estado do Mato Grosso do Sul com apenas 37,61%. Os gráficos abaixo evidenciam essa realidade:

## Requisições Seguro Desemprego



## Distribuição das Requisições Web



Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))

Dados de maio contabilizados considerando apenas a primeira quinzena.

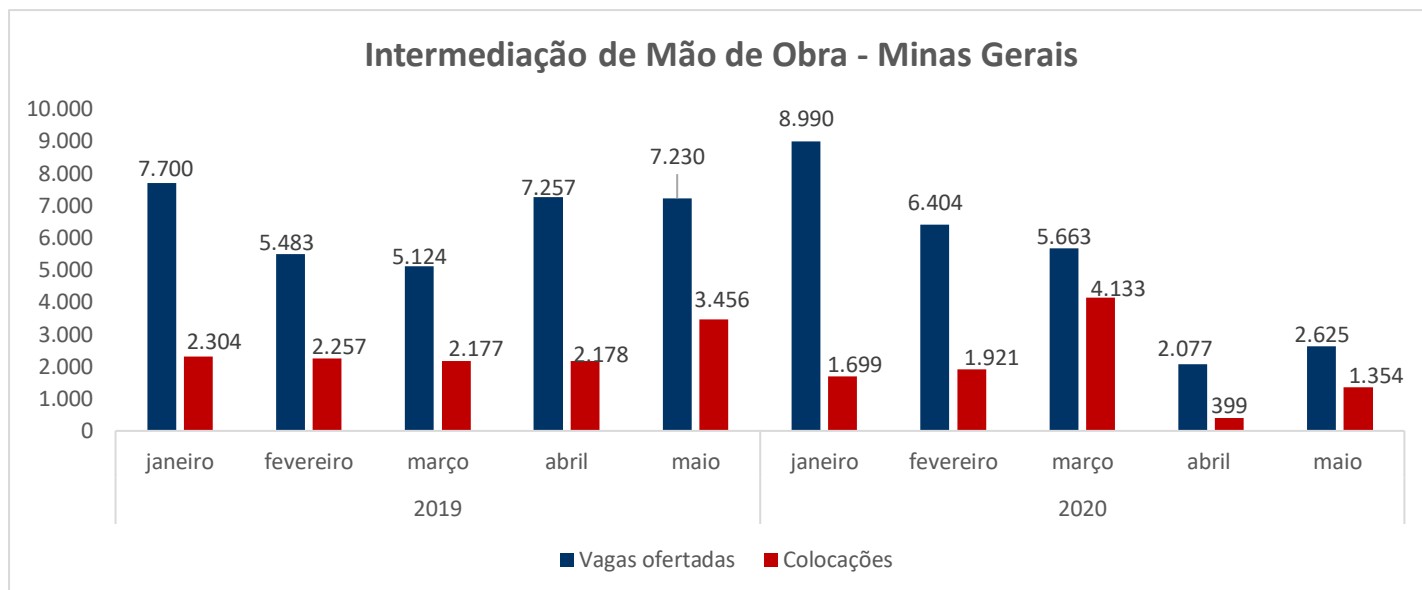
Os estados das Regiões Norte e Nordeste foram os que apresentaram os menores números de solicitações do Seguro Desemprego na primeira quinzena de maio, sendo o Estado de Roraima o líder desse ranking, com apenas 556 requisições. Outro aspecto interessante a ser ressaltado é que, o Estado de São Paulo, líder de demandas do benefício, também é a unidade da federação que mais concentra ocorrências e mortes por COVID-19 no país. Tal correspondência pode estar atribuída ao fato de que o estado possui uma grande densidade populacional, mas, ao mesmo tempo, pode evidenciar um agravamento dos impactos sobre o mercado de trabalho e sobre o fluxo de demissões frente ao avanço da pandemia.

## ESTATÍSTICAS DO SINE

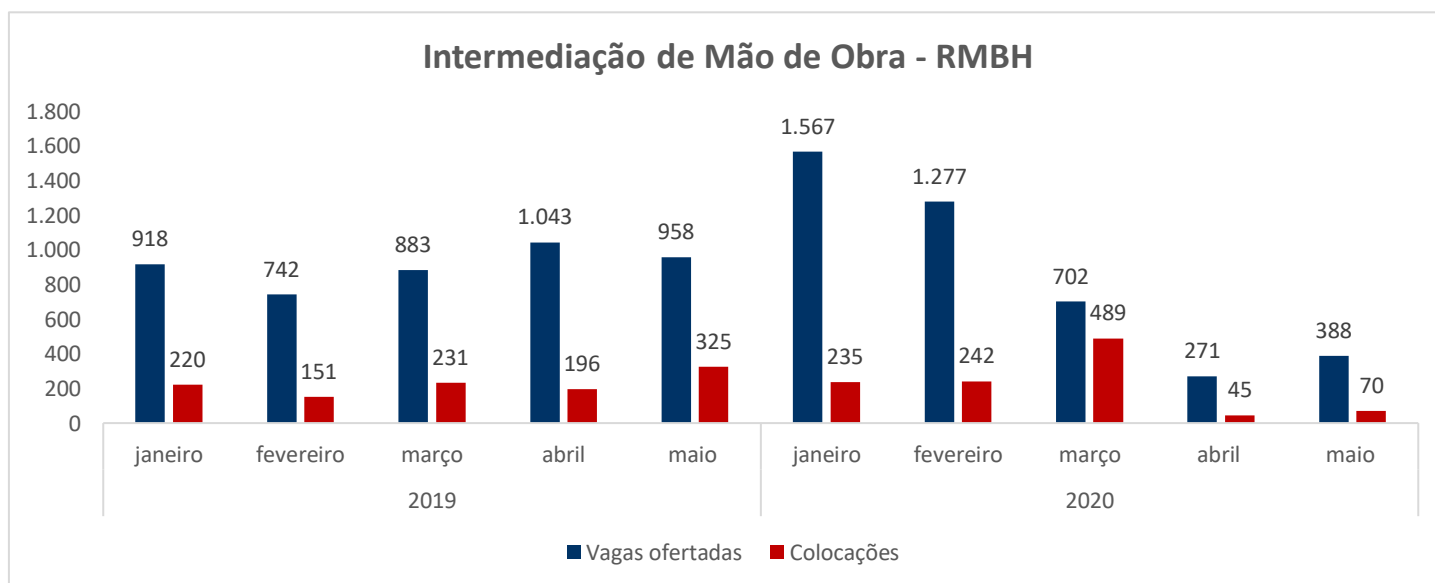
### Serviços são oferecidos em regime de teletrabalho

As unidades de atendimento do SINE em Minas Gerais registraram 471.530 atendimentos entre janeiro e maio de 2020 (até 31/05), nos diferentes serviços ofertados pela rede, como habilitação do Seguro Desemprego e intermediação de mão de obra, que contempla encaminhamento para vagas de emprego, captação de vagas e colocação de trabalhadores no mercado de trabalho.

A interrupção dos atendimentos presenciais nas unidades do Sine a partir do dia 23 de março implicou na diminuição dos resultados apresentados até maio do presente ano, se analisado o comparativo com o mesmo período de 2019 – mesmo adotando-se o regime de teletrabalho. Os gráficos abaixo detalham essa realidade no Estado de Minas Gerais e na Região Metropolitana de Belo Horizonte:



Fonte: Ministério da Economia – Base de Gestão IMO/SD  
Dados referentes ao mês de maio computados até o dia 31/maio



Fonte: Ministério da Economia – Base de Gestão IMO/SD  
Dados referentes ao mês de maio computados até o dia 31/maio

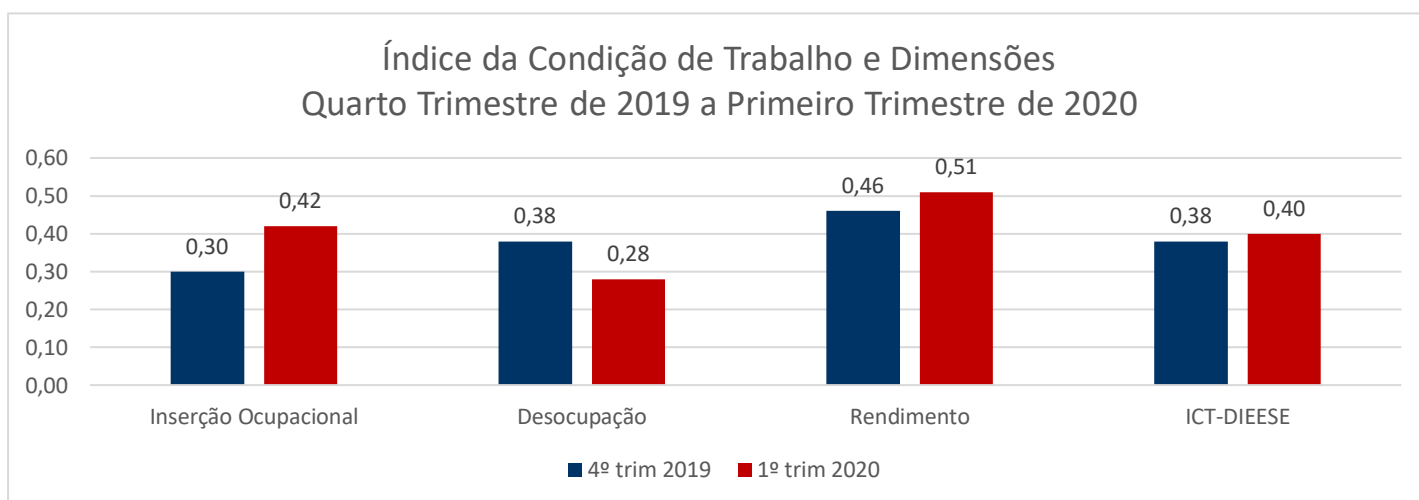
## ÍNDICE DA CONDIÇÃO DE TRABALHO

### Pesquisa do DIEESE mostra que mercado de trabalho nacional não foi impactado pela pandemia de COVID-19

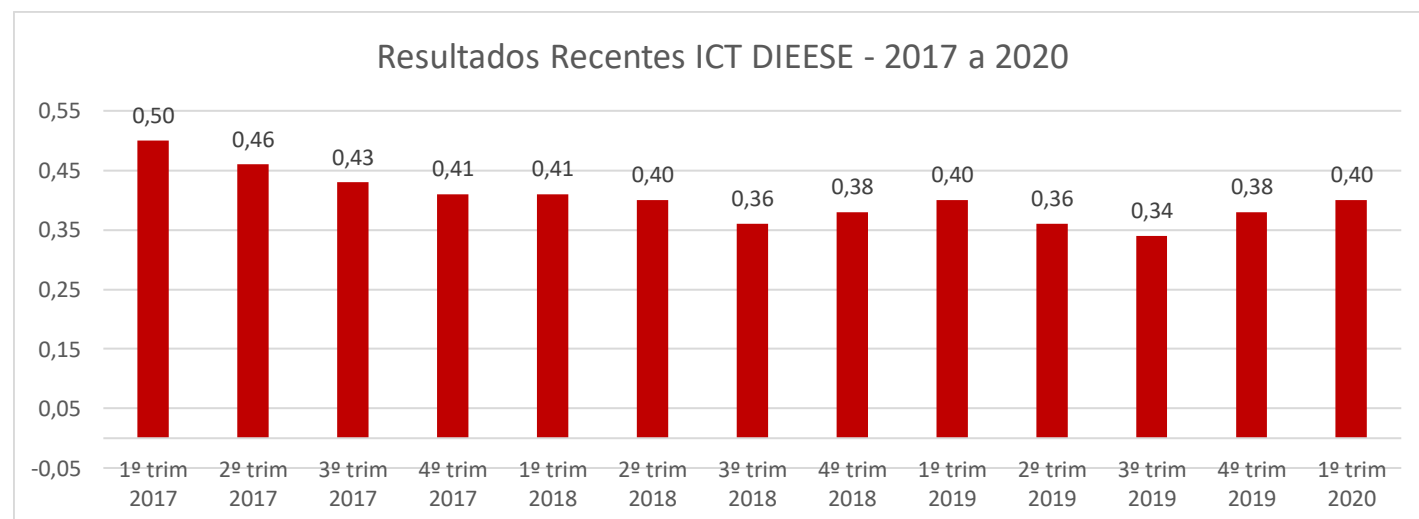
De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), o Índice da Condição de Trabalho (ICT) não mostrou impactos econômicos decorrentes da pandemia de COVID-19 no primeiro trimestre de 2020. O índice é um indicador que analisa a situação do mercado de trabalho com base em três dimensões, quais sejam: (i) inserção ocupacional, (ii) desocupação e (iii) rendimento. A partir dessas esferas, são atribuídos valores de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, melhor a condição de trabalho e, quanto mais próximo de 0, pior.

De forma geral, o ICT teve crescimento de 5,2% entre o quarto trimestre de 2019 e o primeiro trimestre de 2020, passando de 0,38 para 0,40, de modo a indicar uma discreta melhora no mercado de trabalho no período. Ainda sem refletir os impactos da pandemia, as dimensões de inserção ocupacional e rendimento também tiveram aumento de, respectivamente, 40% e 10,8%. O resultado positivo no ICT-Inserção Ocupacional foi reflexo da maior proporção de empregados com carteira assinada em relação ao total de ocupados enquanto, a melhoria no ICT-Rendimento deveu-se ao crescimento na remuneração média real e à redução na desigualdade de renda, na passagem do último trimestre de 2019 para o primeiro trimestre de 2020. Em contraposição a isso, a piora na dimensão de desocupação foi resultado do aumento de desempregados e desalentados, fazendo com que o indicador tivesse queda de 26,3% no período analisado. Segundo o DIEESE, o ICT-Desocupação só não foi menor porque, com o grande número de trabalhadores deixando o mercado, a força de trabalho total reduziu.

Esta é a segunda vez consecutiva que o Índice da Condição de Trabalho registra estabilidade na comparação entre primeiros trimestres, com pouca variação nas dimensões do indicador. Contudo, é válido destacar que o ICT permanece no patamar mais baixo desde o início da série, quando o melhor resultado foi registrado em 2014. Os gráficos abaixo mostram essas variações:



Fonte: [Índice da Condição de Trabalho - DIEESE](#)



Fonte: [Índice da Condição de Trabalho - DIEESE](#)

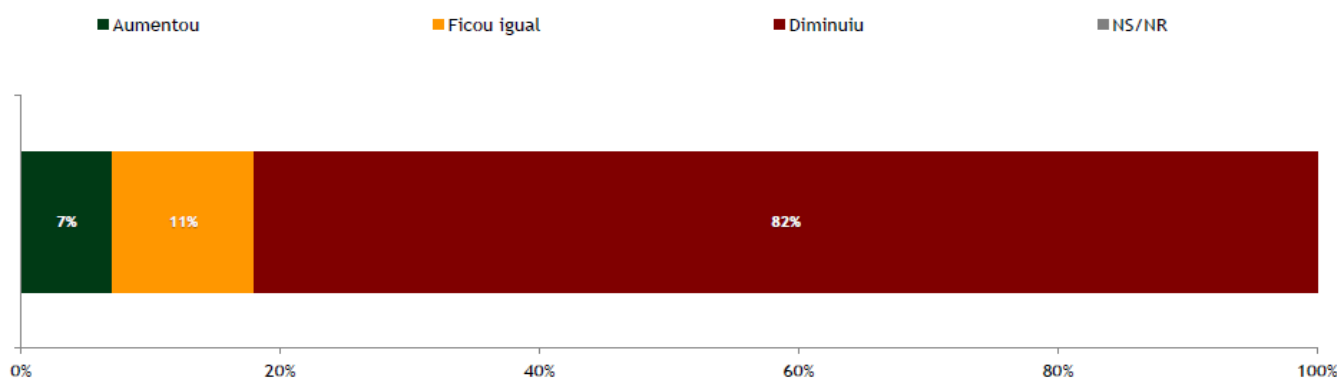
## IMPACTOS NA INDÚSTRIA BRASILEIRA

### Maioria das empresas industriais não realizou demissões, apesar dos impactos econômicos sobre o setor

A pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI), executada pelo Instituto FSB Pesquisa, buscou compreender o impacto, o posicionamento, as medidas de enfrentamento adotadas e as perspectivas dos empresários do setor industrial em meio à crise provocada pela pandemia de COVID-19 no país. Para a realização do estudo foram entrevistados, por telefone, executivos de 1.017 empresas industriais, que compuseram uma amostra representativa do total de empresas do setor em todo o Brasil. Os resultados possuem margem de erro de 3 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.

A pesquisa mostrou que, após o início da pandemia, 75% das empresas no país sofreram redução na produção, ao passo que apenas 9% tiveram algum tipo de aumento. Ou seja, a diminuição da produção é uma realidade para 3 em cada 4 empreendimentos do setor industrial no Brasil. Outro resultado que chama atenção é o impacto da pandemia no faturamento dessas organizações. Para 82% o faturamento diminuiu quando comparado ao de 6 semanas atrás, tendo aumentado para apenas 7%.

**Pergunta: Você diria que o faturamento bruto da sua empresa aumentou, ficou igual ou diminuiu nos últimos 45 dias?**

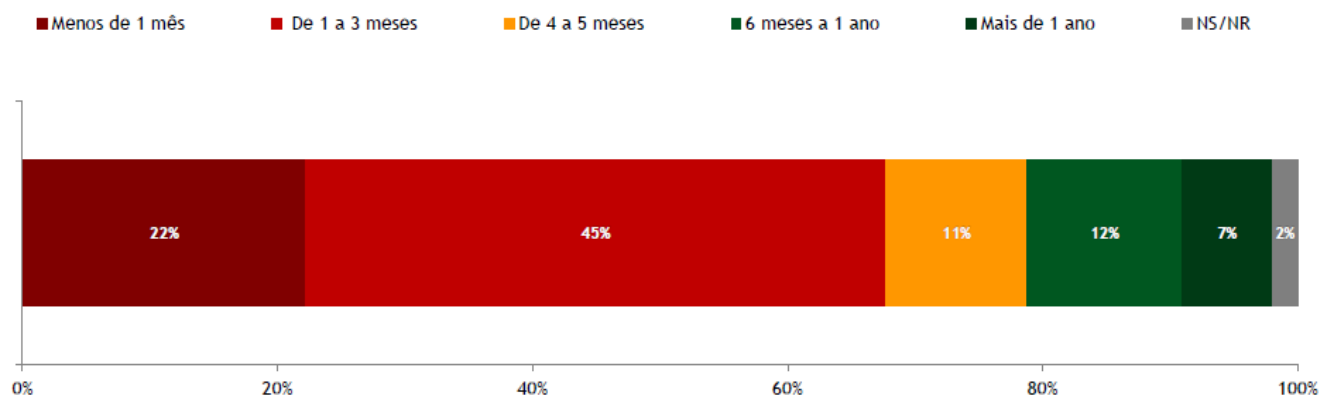


Fonte: [Confederação Nacional da Indústria \(CNI\)/ Instituto FSB Pesquisa.](#)

Quanto ao tamanho dos impactos no faturamento nas últimas 6 semanas, entre as empresas que experimentaram diminuição de receita (82%), a redução foi de 56%, em média. Já entre as indústrias cujo faturamento aumentou (7%), este crescimento foi de 28%, em média. Ou seja, a queda nos ganhos, além de uma tendência na indústria no Brasil, é também bastante acentuada.

Sobre o tempo médio que as empresas acreditam ainda conseguir funcionar, em meio à manutenção das medidas de isolamento social em boa parte do país, apenas para 32% este tempo é superior a três meses e, para 22%, é de até um mês, como pode ser observado em detalhes no gráfico abaixo:

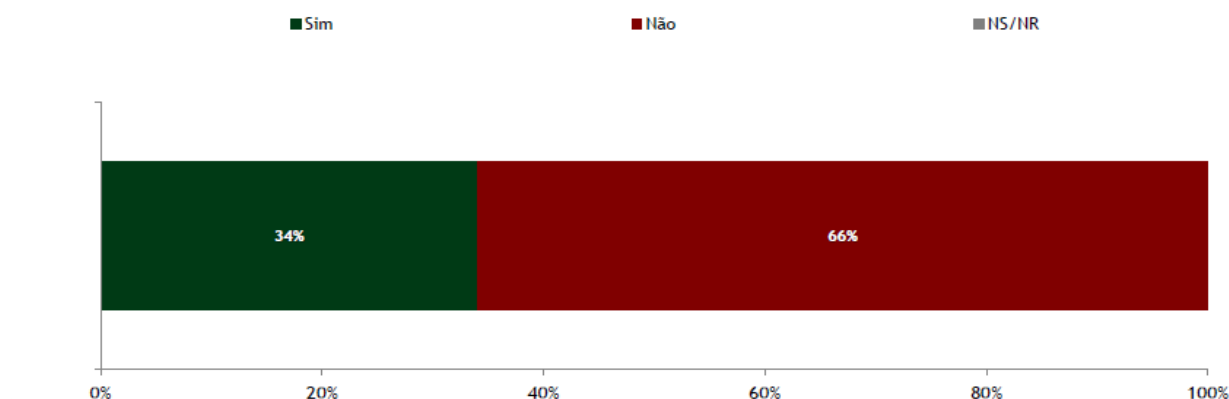
**Pergunta: Por quanto tempo a sua empresa possui condições financeiras para manter suas atividades em funcionamento, enquanto forem mantidas as medidas de isolamento social em boa parte do país?**



Fonte: [Confederação Nacional da Indústria \(CNI\)/ Instituto FSB Pesquisa.](#)

Sobre as medidas de enfrentamento aos impactos da crise econômica que envolvem a força de trabalho, chama atenção o fato de que, apesar dos impactos negativos na produção e no faturamento, a maior parte das empresas do ramo industrial tem evitado demitir funcionários. 66% não realizaram demissões de trabalhadores em função dos reflexos financeiros causados pela pandemia até o momento. Além disso, entre as empresas que ainda não realizaram demissões, 3 em cada 4 não pretendem adotar essa medida.

**Pergunta: Em função dos impactos provocados pela pandemia de Coronavírus, sua empresa já demitiu funcionários, sim ou não?**



Fonte: [Confederação Nacional da Indústria \(CNI\)/ Instituto FSB Pesquisa.](#)

Esse resultado, embora não menospreze a gravidade da crise no mercado de trabalho e na economia, mostra uma resistência da indústria em adotar demissões de funcionários como primeiras medidas de enfrentamento aos impactos da pandemia na produção e faturamento das empresas, prezando pela manutenção dos vínculos empregatícios. Para tanto, tem-se priorizado medidas como acordos individuais de redução de jornada de trabalho, com diminuição proporcional dos salários ou suspensão temporária de contratos.

## EDUCAÇÃO DA REDE PRIVADA

### Risco de falência atinge metade das escolas do Brasil

De acordo com uma pesquisa encomendada pela União das Escolas Particulares de Pequeno e Médio Porte – uma organização criada para dar suporte às instituições de ensino durante a pandemia de COVID-19, a redução de receita ocasionada pela necessidade de concessão de descontos, atrasos nas mensalidades e cancelamento de matrículas tem feito com que muitas escolas decretem falência. A pesquisa foi realizada entre os dias 13 e 25 de maio, com proprietários de 482 colégios do ensino infantil ao médio, localizados em 83 municípios do país – o que representa 80% da rede privada de ensino no Brasil.

Segundo dados da pesquisa, a redução da receita já atinge 40% das instituições consultadas até abril, percentual este que deve aumentar para 50% até o final de maio. Além disso, 95% dos colégios respondentes declararam que já receberam pedidos de cancelamento de matrículas desde o início da pandemia. Segundo Tadeu Pontes, coordenador responsável pela realização da pesquisa, esse colapso no sistema de educação não é resultado propriamente da insatisfação dos pais com os métodos de ensino à distância e, sim, da redução da renda das famílias, o que tem tornado o custeio da educação privada inviável.

Antes do início da pandemia, os colégios registravam nível médio de atrasos nas matrículas de 9%, valor este que atingiu 17% em abril e com expectativa de crescimento para 22% até maio. Situação similar ocorre com o número de famílias inadimplentes, que deve crescer 133% desde o início da pandemia até maio. Estima-se também que a perda de alunos no período analisado chegue a 10%, situação esta que acende o risco de que este contingente de estudantes migre para a rede pública de ensino e cause sobrecarga de infraestrutura e precarização da educação.

A redução da receita é observada de forma semelhante entre escolas de nível infantil e ensino fundamental – ambas com redução de 54% no faturamento. Se analisados os colégios de ensino médio, esse déficit financeiro é um pouco maior – metade da receita anterior. Segundo Tadeu Pontes, a margem de lucro do segmento gira em torno de 15% e, considerando um cenário otimista, no qual os gestores poupem 5% desse faturamento em um fundo de emergência, a reserva já teria sido esgotada nesses três meses de pandemia. Nesse contexto de falência, uma das repercussões possíveis é a demissão de trabalhadores do ramo que, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), já somam 2.392 trabalhadores dispensados até abril de 2020 em todo o Estado de Minas Gerais.

## CONSUMO

### Pandemia provoca perda de renda dos consumidores

Uma pesquisa promovida pela área de Experiência do Cliente da empresa DMCARD, realizada entre os dias 5 e 12 maio, buscou avaliar o comportamento do consumidor com suas finanças durante o período de pandemia e aponta que 69% das pessoas (15.010 entrevistados) tiveram algum tipo de perda financeira desde o início da quarentena. Desses, 62% acreditam que ainda vão enfrentar algum problema que os obrigará a atrasar o pagamento de suas contas.

A Diretora de Marketing e Pessoas da DMCard, Sandra Castello, destaca que, a amostra da pesquisa é composta por pessoas que fazem uso do cartão de crédito, o que permite demonstrar um cenário real da capacidade de compra do consumidor ativo. Ademais, ainda é possível revelar “se ele sofreu perdas e como o bolo está sendo repartido para o consumo e pagamento das dívidas mais comuns no dia-a-dia da população”. O infográfico abaixo retrata essa distribuição:

## Prioridade de Pagamento das Contas



Fonte: [Dados da DM Card](#). Elaboração própria.

Tal resultado evidencia uma realidade na qual o consumidor tem se mostrado preocupado com seu poder de compra e priorizado itens essenciais que podem ocasionar a interrupção de um serviço básico para o seu dia-a-dia. Além disso, o menor uso do cartão tradicional em detrimento do cartão de supermercado é justificado por dois fatores: por configurar-se como um risco para compra de itens supérfluos e pela dificuldade de ter crédito aprovado por instituições bancárias.

Ainda de acordo com a pesquisa, apenas 26% dos entrevistados afirmaram estar empregados no regime celetista, com registro em carteira profissional e sem nenhum tipo de redução em seus ganhos, enquanto outros 15% tiveram redução de carga horária e, conseqüentemente, em seus rendimentos. Em contrapartida, 12% foram totalmente afastados do trabalho ou tiveram seus contratos interrompidos e 15% já entraram na pandemia desempregados. Os entrevistados aposentados são 10% dos respondentes e 21% são profissionais autônomos.

Em relação ao auxílio emergencial criado pela Lei 13.982/2020, que prevê que trabalhadores autônomos, desempregados e microempreendedores de baixa renda afetados pela pandemia passam a ter direito ao recebimento de R\$ 600 oferecido pelo governo federal, a pesquisa destaca que 49% dos entrevistados tiveram acesso ao benefício, 33% não foram aprovados, outros 19% foram aprovados mas ainda não receberam e 17% ainda estão aguardando resposta.



## RECORDE NA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

### Crescimento esperado de 7,4% será consequência dos aumentos da produtividade e da área de cultivo

Apesar das adversidades impostas pela pandemia de COVID-19, a safra de grãos 2019/2020 em Minas Gerais se mantém positiva, inclusive com previsão de recorde, de acordo com os dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). São esperados 15,3 milhões de toneladas - a maior safra desde 1976, um crescimento de 7,4% em relação à anterior. A safra atingiu esse patamar mesmo frente às adversidades como, por exemplo, o aumento no preço de alguns insumos, as dificuldades para escoar a produção e as adaptações para assegurar a saúde dos trabalhadores rurais em meio à pandemia.

As causas que levaram ao número recorde se devem, principalmente, ao aumento da área plantada e ao ganho de produtividade sobre os grãos, que cresceram, respectivamente, 2,2% e 5,1%. Além disso, os investimentos dos produtores em novas tecnologias e as condições climáticas favoráveis também contribuíram para que Minas Gerais chegasse a esse patamar de produção.

Entre os produtos que se destacaram estão a primeira safra do feijão (+21,7%), do amendoim (+16,7%), da soja (+15,9%) e as duas safras do milho (+3,6%). De acordo com a Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SEAPA), o bom resultado do feijão nesta primeira safra - com 192 mil

toneladas, sinaliza para a importância do grão para a economia de Minas Gerais que, inclusive, é o 2º maior produtor do Brasil, representando 17,7% da produção nacional.

Os dois grãos mais cultivados em Minas Gerais, que são o milho (previsão de 7,8 milhões de toneladas para as suas duas safras) e a soja (5,8 milhões de toneladas), também apresentaram aumentos na produção, conforme os dados da CONAB. No caso do milho, a safra já finalizada teve crescimento de 0,5%, e a previsão é que a 2ª safra, que iniciará em junho, aumente para 8,6%. A produção da soja passou de 5,0 para 5,9 milhões de toneladas na safra 2019/2020, com ganho de 4,6% na área cultivada e 10,9% na produtividade.

Em se tratando do mercado de trabalho, apesar de boa parte dos vínculos serem informais devido à sazonalidade do cultivo, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) registrou uma significativa movimentação de trabalhadores nesse segmento da produção de grãos durante o ano de 2019 em Minas Gerais. O cultivo de café lidera como maior empregador, totalizando mais de 60,8 mil admissões, seguido da soja e do milho com, respectivamente, 3,5 mil e 2,3 mil carteiras assinadas.